



# HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR: PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DA 8ª TURMA DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O TEMA.

Autores: PEREIRA, Rômulo Gonçalves de Carvalho; SANTOS, Nádia Macedo Lopes

## RESUMO

A homofobia tornou-se um novo questionamento nas escolas, principalmente durante as aulas de Educação Física. Entretanto, muitos professores não sabem como lidar quando solicitados e até dizem que esse não é tópico para as escolas comentarem. Porém, nos últimos anos, houve um crescimento dos casos de preconceito, agressões e/ou bullying por parte das outras pessoas, fazendo com que esses inúmeros jovens, adolescentes e até adultos brasileiros têm receio de vivenciar sua orientação sexual no meio escolar. Este artigo mostra a questão existencial da homofobia na Educação Física e no ambiente escolar, da heteronormatividade prescrita pelas escolas e a falta de conhecimento dos docentes para debater sobre a temática e, simultaneamente, demonstrar a responsabilidade que devem possuir, juntamente com as políticas públicas existentes, para garantir a segurança e o ensino-aprendizagem digno e apropriado aos discentes homossexuais. Este trabalho se constitui de uma pesquisa de natureza qualitativa, através de revisão de artigos e livros que debatem o mesmo tema e uma pesquisa de campo, através de um questionário realizado com futuros licenciados em Educação Física de Itapeva-SP, com objetivo de verificar se esses profissionais terão a capacidade de trabalhar o tema descrito neste artigo em suas aulas no ambiente escolar.

**Palavras Chave:** Homofobia, Ambiente Escolar, Orientação Sexual, Educação Física

## ABSTRACT

Homophobia has become a new question in schools, especially during Physical Education classes. However, many teachers do not know how to deal when asked and even say that this is not a topic for schools to comment on. However, in recent years, there has been an increase in cases of prejudice, aggression and / or bullying on the part of other people, making these countless young people, adolescents and even Brazilian adults afraid to experience their sexual orientation in school. This article shows the existential issue of homophobia in Physical Education and in the school environment, the heteronormativity prescribed by schools and the lack of knowledge of teachers to debate the theme and, at the same time, demonstrate the responsibility they must have, along with existing public policies, to guarantee security and dignified and appropriate teaching-learning for homosexual students. This work consists of a qualitative research, through review of articles and books that discuss the same theme and a field research, through a questionnaire carried out with future licensed teachers in Physical Education of Itapeva-SP, with the objective of verifying whether these professionals will be able to work on the theme described in this article in their classes and in the school environment

*Key Words:* Homophobia, School Environment, Sexual Orientation, Physical Education.

## 1 – INTRODUÇÃO

O prefixo grego HOMO significa “o semelhante” e SEXUALIDADE é o conjunto de características especiais determinadas pelo sexo do indivíduo, juntos dão



origem ao termo “homossexualidade” tratando-se de natureza, característica ou particularidade de quem possui atração ou interesse sexual pelo indivíduo do mesmo sexo, e apesar de sempre estar presente e existente por toda história da humanidade, ela nunca foi aceita e sempre tolerando altos e baixos ao longo do percurso da civilização. (BANA, 2016, p. 17; CEPAC, p. 13; DICIO, 2009; DICIONÁRIO AURÉLIO, 2018)

A homossexualidade não deve ser mais inserida como patologia ou doença, já que, durante um século, foi referida como “homossexualismo”, o que a transformou em uma anormalidade e ao mesmo tempo como doença, vício, crime e pecado e não foi muito recentemente que a homossexualidade deixou de ser considerada como um problema mental, onde foi por meio da decisão da Associação dos psiquiatras americanos de retirá-la da lista das doenças mentais, em 1973. Até 1975, as sociedades de psicanálise não aceitavam homossexuais como psicanalistas. E foi apenas em 1991 que a Organização Mundial da Saúde retirou a homossexualidade da lista das doenças. (BANA, 2016, p. 21; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; UNESCO, 2009)

Esse preconceito conservado da fundamentação religiosa na história da sociedade, junto ao olhar biológico da sexualidade, recebeu a designação de que a heterossexualidade é a forma sexual natural do ser humano – sendo criação de Deus, Allah, conforme a crença – e tudo que o confronta, contraria a vontade divina. Porém, se as escolas, igrejas e veículos de comunicação fossem voltados para todos, e não exclusivamente a pessoas heterossexuais, esse processo de descoberta da sexualidade seria menos traumático para qualquer indivíduo da comunidade LGBTQIA+<sup>1</sup> (CEPAC, p. 26; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; UNESCO, 2009, p. 103)

## 2 – HOMOFOBIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Originalmente, o termo homofobia (o prefixo HOMO mais o sufixo FOBIA – medo exagerado, falta de tolerância, aversão) foi criado pelo psicólogo norte-americano George Weinberg, em 1971, mas foi apenas nos anos 90 que o respectivo termo foi

---

<sup>1</sup> LGBTQIA+ é a sigla criada para nomear um grupo seletivo de indivíduos q se identificam como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros (transexuais e travestis), Queers, Intersex e Assexual, e o sinal “+” demonstra as outras representatividades, como Pansexual, Two-Spirit, Kink, entre outros. (VEDUCA; SERASA EXPERIAN, 2018)



explicitado e registrado nos dicionários como rejeição ou aversão através de manifestações do ódio, de preconceito, de repugnância e de discriminação a população LGBTQIA+ provocado em razão dos atributos da sexualidade (gênero, orientação afetiva sexual e sexo) transparecendo de maneiras variadas (violência física e/ou moral), podendo levar a vítima, que se afasta da heteronormatividade, ao óbito. (BANA, 2016, p. 36, 37, 40 e 42; BLUMENFELD, 2007 apud REIS, 2015, p. 21; CEPAC, p. 19; MOURA & EMÉRITO, 2011, p. 350; REIS, 2015, p. 22 e 29)

Na escola, a homofobia está diariamente na vida de alunos homoafetivos, através de ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais. Junqueira o nomeia de “pedagogia do insulto”, onde é constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações e expressões desqualificadas refletindo na saúde psíquica e social dos estudantes, levando-os a terem dificuldades no processo de aprendizagem, baixos rendimentos escolares, evasão escolar, sofrimento psicológico, dificuldade de interação social e nas relações interpessoais e, em casos mais graves, pode levar ao suicídio. (JUNQUEIRA, 2009; MOURA & EMÉRITO, 2011, p. 347 e 348)

### **3 – PAPEL EDUCACIONAL DA ESCOLA E PROFESSORES**

O espaço escolar, que é considerado como ambiente formador de opiniões que possibilita gerar questões de temas controversos presentes na sociedade, nega e ignora a homossexualidade, pois neste espaço de socialização apenas é imposto o modo heteronormativo e os papéis de gênero atribuídos como masculino e feminino, contrariando a visão de educar para a diversidade, que nada mais é do que educar futuros adultos para o respeito às diferenças comuns entre os indivíduos, de modo a erradicar a discriminação e a homofobia. Um papel que pode e deve ser assumido, sempre de forma conjunta, pelos profissionais da área de saúde e educação, colegas e familiares. (CEPAC, s/d; CARVALHO, 2012; LIONÇO E DINIZ, 2009 apud REIS, 2015; SANTOS e ORNAT; 2017)

De acordo com o Artigo 26º da Declaração de Direitos Humanos “Toda pessoa tem direito a educação”, ou seja, proibir alguém de estudar por conta da sua sexualidade é desumano, uma vez que a Legislação Educacional Brasileira diz que a sexualidade



deve ser abordada pelo currículo escolar de forma interdisciplinar, a partir do eixo “Orientação Sexual”, localizado no item “Temas Transversais” dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), inserido pela necessidade de uma ação pedagógica que combatesse a gravidez e as infecções sexualmente transmissíveis (IST) na adolescência, apresentando um discurso normativo e prescritivo sobre uma boa conduta sexual. (COMPARATO, 2015; SILVA e VIEIRA, 2009)

Existem algumas políticas públicas que garantem o respeito à diversidade sexual e combate à homofobia nas escolas, que foram encontradas nas referências desse artigo, fundamentadas nos princípios da Constituição Federal e da Declaração Universal dos Direitos Humanos, regulamentadas pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e pelo Conselho Federal de Psicologia, complementadas pelos PCNs e por programas, planos e iniciativas subsequentes, como o Programa Brasil Sem Homofobia, Programa Nacional de Direitos Humanos, Estatuto da Criança e do Adolescente, Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança e a Conferência Nacional de Educação (CONAE) – Eixo VI: Justiça social, Educação e Trabalho: Inclusão, Diversidade e Igualdade. Entretanto, nota-se que a comunidade escolar, muitas vezes, desconhece tais políticas e amparos.

A formação de professores carece de assegurar a aquisição de conhecimentos sobre os aspectos físicos, cognitivos, afetivos e emocionais do desenvolvimento individual do educando, fazendo-os aprender a ser tolerantes, a respeitar à diversidade e às diferenças, para não reproduzirem estereotipadas relações sociais autoritárias, ter autocuidado na construção de relações interpessoais que colaboram para que a profundidade da sexualidade seja prazerosa e segura. (BRASIL, 1997; PEREIRA, 2015)

#### **4 – PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Perante as aulas de Educação Física, afirmam os PCNs que:

No âmbito da Educação Física, os conhecimentos construídos devem possibilitar a análise crítica de valores sociais [...]; uma discussão sobre ética do esporte profissional, sobre a discriminação sexual e racial que existe nele, pode favorecer a consideração da estética do ponto de vista do bem-estar, as



posturas não-preconceituosas, não-discriminatórias e a consciência dos valores erentes com a ética democrática.

A Educação Física se constitui como um dos espaço escolares de maior discriminação, demonstrando que os responsáveis por esse afastamento dos alunos homossexuais são os inúmeros mecanismos homofóbicos e pedagógico, já que é comum que docentes de Educação Física tragam consigo uma série de costumes e os apliquem em suas aulas, oriundos dos valores e das crenças típicas do que é ser homem numa cultura ainda machista, gerando exclusão desses alunos devido às abordagens desiguais e equivocadas, contrariando o fato de que a Educação Física possui um comprometimento com os aspectos relacionados à formação para a cidadania, à qualidade de vida e ao pleno entendimento do que seja o corpo como aquele que não apenas se movimenta, mas também se relaciona e se expressa na sociedade (DUARTE et al, 2018; FINCK, 2011; LOURO, 2009)

As relações de poder estabelecidas durante as aulas de Educação Física também atingem esses jovens. Tal exercício dessas relações se caracteriza como abuso psicológico, que são exemplos as ameaças e as intimidações, realizadas pelos próprios professores ou pelos demais alunos quando os jovens gays não são incluídos em todas as atividades de aula, ou seja, quanto mais as pessoas se afastam dos estereótipos de gêneros vigentes, mais discriminadas são e quando a homofobia toma dimensões exacerbadas, pode resultar em evasão escolar (PEREIRA & SCHIMANSKI, 2013; VIEIRA, GHERARDI & SEVERO, 2018)

Apesar da Educação Física ser um espaço privilegiado para identificação de situações de caráter discriminatório de preconceito de gênero e passam a sofrer com piadas maliciosas, é necessário que o professor tenha um papel importantíssimo nesse processo, adotando uma postura e uma atitude que garanta a credibilidade e a consideração dos alunos, criando um território fértil para o estabelecimento de uma relação de confiança entre o aluno e o professor, humanizando o processo educacional a fim de garantir a continuidade desses jovens nas aulas e seu desenvolvimento neuropsicomotor. E, assim como o contrário, a ausência dessas abordagens poderá dificultar ou até mesmo impedir o processo de educação desses alunos (DUARTE et al, 2018; BOTELHO & SOUZA, 2007)



## 5 – MATERIAL E MÉTODOS

Este artigo foi elaborado através de uma revisão bibliográfica, de cunho qualitativo, e uma pesquisa de campo em forma de questionário, juntamente com o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento, com 29 futuros licenciados da 8ª turma de licenciatura de Educação Física da Faculdade de Ciências Agrárias e Sociais de Itapeva, que participaram de forma voluntária na pesquisa, com o intuito de descobrir se eles estão preparados e se possuem conhecimento para trabalhar com futuros alunos LGBTQIA+ e, através do resultado obtido, propor para a faculdade que esse assunto deva ser incluído na grade curricular dos cursos com relação a Educação, como Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) e Pedagogia.

A aplicação do questionário ocorreu em um único dia, onde cada questionário obtém 15 questões de conhecimentos gerais, específicos e pessoais em relação ao tema proposto, contendo questões dissertativas e de alternativas.

## 6 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sobre a tabulação dos resultados, esclareceremos alguns pontos:

- algumas perguntas de alternativas permitiam mais de uma resposta;
- as perguntas dissertativas foram tabuladas de acordo com o significado do que os voluntários responderam, pois cada um escreveu da maneira que queria;
- as questões não respondidas foram tabuladas como “Não soube responder”

As duas primeiras questões eram de informações pessoais que perguntavam a idade e o sexo biológico do voluntário. Entretanto, obtivemos 29 voluntários, sendo 12 do sexo masculino e 17 do sexo feminino, e entre eles 20 de 16 a 25 anos, 8 de 25 a 32 anos e 1 maior de 41 anos.

A partir da 3ª questão, era sobre o tema e a visão de cada voluntário, e na 3ª questão pergunta se o voluntário já ouviu falar sobre homofobia, seja durante a graduação ou fora dela e marcar “SIM” ou “NÃO” e se sim, descrever com quem ou



aonde ouviu sobre o tema e todos os voluntários marcaram que “SIM”, que já ouviram sobre o tema, porém de maneiras muito diferentes.

Essa questão permitia mais de uma resposta, então foram tabuladas com a frequência de quantas vezes apareciam. Assim, na Faculdade e nas Redes sociais e Mídia apareceram 16 vezes cada (29%), com amigos - 9 vezes (16%), na escola - 4 vezes (7%), com a família e não souberam dizer apareceram 2 vezes cada (4%), sobre inclusão apareceu 1 vez (2%) e outros (9%).

Na 4ª questão perguntava se sabiam o significado de Homofobia, se sim, explicar em poucas palavras e dentre as respostas, tivemos: Preconceito - 9 vezes (31%), não aceitar o Homossexual - 6 vezes (21%), sentimento de rejeição - 4 vezes (14%), agressão física ou moral - 3 vezes (11%), sentir raiva ou desprezo - 2 vezes (7%), não tolerância - 2 vezes (7%), Desperdício - 1 vez (3%), Perseguição - 1 vez (3%) e não soube dizer - 1 vez (3%).

A 5ª questão pergunta se eles acham que há homofobia na escola e de que maneira, e todos responderam que há sim, como era permitido mais de uma resposta, foram tabulados como: Agressão Verbal - 26 vezes (21%), Discriminação - 23 vezes (19%), Exclusão - 22 vezes (18%), Não autoaceitação - 19 vezes (15%), Agressão Física - 18 vezes (14%) e Perseguição - 16 vezes (13%).

A 6ª questão questionava sobre quem deve abordar sobre educação e orientação sexual com os alunos da escola, e nessa questão só poderia marcar uma resposta, e vimos que 17% marcou que é função Exclusiva da Família (5 vezes) e 83% escolheu que deve ser algo compartilhado entre Família+Escola+Profissionais Especializados (24 vezes).

Perguntamos na questão 7, qual a percepção em relação ao seu aluno como um sujeito homossexual. Essa questão permitia uma única resposta, porém um voluntário marcou duas respostas e observamos que: 19 voluntários marcaram Um ser “normal” (67%), 8 voluntários marcaram Um sujeito que fez a sua escolha em ser homossexual, e 1 voluntário marcou Outros, e 1 voluntário marcou Um ser “normal” e Um sujeito que fez a sua escolha em ser homossexual.

Porém, essa questão havia uma “pegadinha”, pois a alternativa “Um sujeito que fez a sua escolha em ser homossexual” está incorreta, pois de acordo com DUARTE et



al (2018) o indivíduo desenvolve sua orientação sexual a partir da influência do ambiente e das experiências emocionais vividas.

A 8ª questão pergunta se os voluntários acham que o Profissional de Educação Física deve tratar deste tema durante suas aulas e/ou todo ambiente escolar e o porquê. Dentre as respostas, 24 voluntários marcaram “SIM” e 5 voluntários marcaram “NÃO”. Entre as justificativas dos que marcaram “SIM” encontramos: Diminuir preconceito, Orientação/Conscientização, Presente no ambiente escolar, Mais intimidade com os alunos, Grande importância, Profissionais mais indicado e Só se necessário. E entre os que marcaram “NÃO” vimos: Não soube responder, Não só o Professor de Educação Física, Professor não próximo aos alunos, É individual de cada um e Depende da fase do aluno. Perante esses resultados, foi mostrado que quem marcou a opção “Sim”, realmente sabe algo ou a importância da comunicação do tema no ambiente escolar.

A 9ª questão questionava se como futuros professores, eles abordariam sobre o tema durante as suas aulas ou no ambiente escolar. Diante dos resultados 16 voluntários marcaram que “Sim”, 11 voluntários marcaram que “Talvez”, nenhum marcou que “Não” e 2 voluntários não souberam responder.

Na questão 10, foi perguntado como que eles abordariam sobre esse tema. Essa questão permitia assinalar mais de uma alternativa, sendo assim, Palestras e Debates foi assinalado 25 vezes (60%), Cartazes e Panfletos - 10 vezes (24%), Só conversa particular - 4 vezes (9%) e não soube responder - 3 vezes (7%). Também havia a alternativa “Nada” mas não foi assinalada por nenhum voluntário.

A 11ª questão, questiona de que maneira os voluntários trabalhariam o tema. Diante os resultados, onde alguns assinalaram mais de uma alternativa, foi observado que dentre as respostas, de “Modo Ocasional” foi a mais assinalada – 15 vezes (50%), depois na “Interdisciplinaridade”, ou seja, junto com outras disciplinas – 7 vezes (23%), em terceiro, “Com Frequência” – 4 vezes (13,5%) e “Não soube responder” – 4 vezes (13,5%).

A 12ª questão, perguntava se os futuros professores se sentiam bem a falar sobre o tema, de acordo com a sua formação. Significativamente, a grande maioria mostra se sentir bem ao tratar o tema, perante a graduação que teve (19 voluntários), porém uma





pequena parcela mostra que não (8 voluntários) e 2 voluntários não souberam responder.

Na questão 13, perguntamos aos voluntários se procurariam fazer cursos, especialização, participar de congressos, sobre esse tema. Através dos resultados, nota-se que quase todos procurariam algo externo para se aprofundar no tema (23 voluntários), e poucos não acham necessário (4 voluntários marcaram “Não” e 2 voluntários “Não souberam responder”).

A 14ª questão questiona aos voluntários se deveriam ter uma matéria só para tratar desses assuntos sobre Sexualidade. Nessa questão, foram obtidas muitas respostas diferentes na parte discursiva. Dentre os 29 voluntários, 19 marcaram “Sim”, 8 marcaram “Não” e 2 não souberam responder e dentre os voluntários que marcaram “Sim”: 10 (52%) - “Melhor preparo para tratar o assunto com os alunos”; 2 (11%) - “Pela Sociedade que vivemos”; 2 (11%) - “Diminuir tabu”; 1 (5%) - “Assunto Complexo”; 1 (5%) - “Não teve na graduação”; 1 (5%) - “Pouco tratado mas muito importante” e 2 (11%) - não souberam responder. E dentre os voluntários que marcaram “Não”: 2 (25%) - “Deve ser Interdisciplinar”; 2 (25%) - “Não é tema exclusivo ou necessário”; 2 (25%) - “Não precisa de matéria específica”; 1 (12,5%) - “São fatos do dia-a-dia” e 1 (12,5%) - não soube responder.

A questão 15 e última, pergunta se o assunto homofobia está incluso na Educação Física. Diante essa última questão, 72% (21 voluntários) disseram que “Sim, pois está presente na Sociedade”; 17% (5 voluntários) disseram que “Sim, mas só por conta do “Temas Transversais” do Parâmetro Curricular Nacional (PCN); 4% (1 voluntário) disse que “Não, pois a Educação Física só aborda temas esportivos, gímnicos e rítmicos” e 7% (2 voluntários) não souberam responder.

## 7 – CONCLUSÃO

Quando se trata de Homofobia, sabemos que é algo delicado de se abordar perante todo preconceito imposto na sociedade.

Diante os resultados obtidos do questionário, vimos que grande maioria já ouviu falar sobre homofobia, porém não sabem o real significado da palavra e mostra que os



voluntários sabem que a homofobia ocorre de diversas maneiras dentro do âmbito escolar e que é dever sim ser um assunto falado e compartilhado entre família, escola e por profissionais especializados.

Para a maioria dos entrevistados, o profissional de Educação Física pode e deve tratar esse tema nas suas aulas e/ou na escola pela grande importância da temática no meio escolar e que estariam dispostos a trabalhar com palestras, debates, panfletos e cartazes abordando esse assunto dentro das instituições de ensino, Mas diante a graduação, muitos mostraram que estão satisfeitos com os ensinamentos sobre a temática, mas uma quantidade maior revelou que procurariam estudos externos para se aprofundar no tema, mostrando que o ensino desse tema na graduação não foi o suficiente.

Surpreendentemente, observamos que os voluntários prefeririam ter uma matéria específica sobre os assuntos ligados a Sexualidade, onde as temáticas LGBTQIA+ estão inclusas, para se sentirem mais preparados para falar com os alunos e por vivermos numa Sociedade heterossexista e LGBTfóbica.

Por fim, os resultados mostram que o assunto homofobia está e deve sim ser incluso na Educação Física de toda e qualquer maneira.

Desse modo, mostrando que o papel do docente é agir de forma mediadora, trabalhando com os alunos que todos devem ser respeitados e os fazendo tomar atitudes que façam com que os colegas reflitam de maneira a não agir de forma discriminatória, conscientizando o agressor, e promovendo um ambiente escolar sadio e seguro.

## 8 - REFERÊNCIAS

BANA, I. **Bullying, homofobia e responsabilidade civil das escolas**. Birigui, São Paulo: Editora Boreal. 2016.

BOTELHO, R. G., & SOUZA, J. M. Bullying e Educação Física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, 139, p. 58-70. Dezembro de 2007.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF. 1997.



CEPAC, C. P. **Guia de Educadores - Educando para a diversidade: Como discutir homossexualidade na escola?** Curitiba: Ciranda – Central de Notícias dos Direitos da Infância e Adolescência. s.d.

DICIO. **Homossexualidade**. Fonte: Dicionário Online de Português: <https://www.dicio.com.br/homossexualidade/>. 2009.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Homossexualidade**. Fonte: Dicionário Aurélio: <https://dicionariodoaurelio.com/homossexualidade>. 2018.

DUARTE, D. d., ARISTIDES, Â. R., MÜLLER, A. L., & NASCIMENTO, D. E. Homofobia nas aulas de educação física: reflexões sobre os processos educativos. *Revista Biomotriz*, 12, p. 102-118. 2018.

FINCK, S. C. **A Educação Física e o esporte na escola: cotidiano, saberes e formação**, 2ª Edição. Curitiba: Ibplex. 2011.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. Em M. D. EDUCAÇÃO, & UNESCO, **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**, Vol. 32, p. 13-51. Brasília: MEC/Unesco. 2009.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e homofobia. Em M. D. EDUCAÇÃO, & UNESCO, **Diversidade sexual na educação: problematização sobre a homofobia nas escolas**, Vol. 32, p. 85-93. Brasília: MEC/Unesco. 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; UNESCO. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília. 2009.

MOURA, H. C., & EMÉRITO, M. d. A homofobia na escola e as consequências psicossociais. *Revista FSA*, nº 8, p. 347-361. 2011.

PEREIRA, C. M., & SCHIMANSKI, É. Primeiras aproximações das representações sobre homossexualidade e as consequências nas aulas de educação física. **III Simpósio Internacional de Educação Sexual**, p. 1-17. Maringá: Universidade Estadual de Maringá. 2013.

PEREIRA, D. R. **A percepção de docentes sobre o estudante homossexual no contexto da uma educação cidadã: tensões, dilemas e perspectivas**, 1ª Edição. Joinville: Clube dos Autores. 2015.

REIS, T. **Homofobia no ambiente educacional: o silêncio está gritando**. Curitiba: Editora Appris. 2015.

VEDUCA; SERASA EXPERIAN. **LGBT+ Conceitos e Histórias**. Diversificando seu olhar de mundo. 2018.

VIEIRA, R. P., GHERARDI, S. R., & SEVERO, M. F. Causa e consequência da homofobia na escola: uma revisão. *Multi-Science Journal*, 10, p. 69-77. 2018.